

# Tendências da Educação Psicomotora Sob o Enfoque Walloniano

Psychomotor educational tendencies as seen from the Wallonian approach

**Resumo:** Esta é uma reflexão que visa a orientar a Educação Psicomotora sob o enfoque psicogenético de Henri Wallon. Dentre as contribuições, destacamos as suas idéias de alternância funcional e de complexidade do desenvolvimento humano.

**Palavras-Chave:** Psicomotricidade, Wallon, educação.

**Abstract:** This paper presents a discussion on Psychomotor Education within Henri Wallon's psychogenetic perspective, focusing his ideas mainly on functional alternation and complexity of human development.

**Key Words:** Psychomotricity, Wallon, education.

**Elda Maria  
Rodrigues de  
Carvalho**

*Mestre em Psicologia  
Clínica (PUCCAMP),  
Professora do Depto.  
de Psicologia da  
Universidade Federal do  
Ceará (UFC).*



Este trabalho é teórico e pretende contribuir para o enfoque psicogenético da Educação Psicomotora, mais precisamente, através da teoria walloniana. Consideramos a teoria de Wallon bastante fértil para a ciência psicomotora, pois esse autor, ao estudar o desenvolvimento infantil, deu ênfase à motricidade, encontrando nesta a origem da emoção e da razão. São diversas as temáticas da psicomotricidade que podem ser abordadas a partir de Wallon (1925, 1934, 1941), a exemplo da formação da imagem corporal e dos distúrbios psicomotores; optamos, porém, nesta oportunidade, por refletir sobre os

rumos mais gerais que a Educação Psicomotora tende a assumir ao adotarmos a psicogenética walloniana como referência básica.

Podem-se distinguir dois tipos de intervenção em psicomotricidade: a terapêutica e a educativa. No primeiro âmbito, encontram-se a reeducação psicomotora, a terapia psicomotora e a clínica psicomotora. No segundo, fala-se em Educação Psicomotora, a qual tem um caráter eminentemente preventivo, facilitador do desenvolvimento do sujeito, em geral, aplicada às crianças em situação

escolar. Busca trabalhar a criança e o grupo em movimento através da ação espontânea ou organizada a priori. Beneficia-se a integração de si em relação com o outro e ao meio em geral.

A reflexão que se segue, de Rubem Alves sobre Educação, é pertinente à Educação Psicomotora; inclui a corporeidade, o prazer e a vida.

*Assim, a inteligência e qualquer Ciência que ela venha a produzir só podem ser avaliadas em função de sua relação com a vida. Os corpos ficam mais felizes? Suas possibilidades de sobrevivência como indivíduos e como espécie aumentam?* (Alves, s/d, p. 21).

A Educação Psicomotora se coloca no sentido de uma educação que não se restringe apenas ao saber escolar ou então, ao aperfeiçoamento específico da motricidade, porém, dirige-se à formação da personalidade, à sua expressão e organização através das atividades humanas de relação, realização e criação. Esta compreende a educação do ser humano nos seus aspectos corporais, motores, emocionais, intelectuais e sociais (Carvalho, 1996).

A prática educativa em Psicomotricidade tem tido um papel importante na educação da criança em seu meio escolar, visto ser coadjuvante das aprendizagens escolares (Nascimento, 1986). Destaca-se, ainda, sua importância dada a sua ação preventiva (Le Boulch, 1987), inclusive em nível de saúde mental.

Essa prática psicomotora é correntemente desenvolvida nas escolas sob a designação "Psicomotricidade", o que, muitas vezes, oculta sua fundamentação, transformando-a em uma prática desregulamentada, ingênua e inócua, muito embora existam diversas publicações sobre a matéria, como as de Vayer (1977), Lapiere (1977), Cabral, Lanza e Tejera (1988) entre outras, baseadas em contribuições teóricas diversas, em geral, psicogenéticas e psicanalíticas.

O exercício da Educação Psicomotora, segundo nosso entendimento, exige um engajamento mais amplo no sentido da compreensão de homem e na adoção de uma dada pedagogia. Não pode estar desvinculada, solta, como meras atividades a serem executadas mecanicamente. Ademais, precisa ser fundamentada na compreensão dos processos de desenvolvimento psicológico.

A Educação Psicomotora, para nós, está incluída em um projeto mais amplo de educação que considera o conhecimento em relação à vida e que proporciona tanto a descoberta do mundo exterior, das coisas, do mundo objetivo, quanto a descoberta do mundo interno, o autoconhecimento, a auto-organização, sendo ambos preciosos para o

desenvolvimento. Dirige-se à pessoa em sua totalidade e compreende aspectos motores (agir), emocionais (sentir) e intelectuais (pensar), em uma dialética interna que se fundamenta nos níveis orgânicos, sociais e psicológicos do ser humano, em toda sua complexidade.

A Educação Psicomotora, conforme o exposto, é compatível com a teoria psicogenética de Wallon na medida em que respeita a complexidade do ser humano, compreendendo-o em sua multidimensionalidade psíquica, corporal e social, propondo-se a superar as dicotomias corpo-mente, indivíduo-sociedade e razão-emoção, heranças da visão cartesiana de homem que perpassa diversas reflexões ocidentais. Segundo Galvão (1993, p. 33),

*O projeto de sua psicogenética é o estudo da pessoa em sua totalidade, considerando suas relações com o meio (contextuada) e em seus diversos domínios (integrada). Contrário ao procedimento de se privilegiar um único aspecto no desenvolvimento da criança, Wallon o estudou em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nos diferentes momentos do desenvolvimento, os vínculos entre cada um e suas implicações com o todo representado pela personalidade.*

O enfoque psicogenético enfatiza a gênese das funções psicológicas, considerando o desenvolvimento como uma construção progressiva resultante da inter-relação indivíduo-meio e que apreende o desenvolvimento através de estágios. É característica de Wallon definir o desenvolvimento da pessoa em campos funcionais. O movimento, a afetividade e a inteligência constituem a tríade que o autor toma como referência constante para buscar compreender a construção do Eu, da personalidade e do homem enquanto ser biológico e social. Foi projeto de H. Wallon estudar o homem em sua complexidade, em uma perspectiva multidimensional e integrada. Resultou deste uma concepção de desenvolvimento não homogêneo e não linear, visão compatível com a dialética que permeia seu pensamento. Os estágios, em sua sucessão, aparentam oposição, ou *alternância funcional* dos pólos afetivos-emocionais e cognitivos, ora com a predominância de um, ora de outro campo funcional da atividade infantil. Trata-se de uma espécie de lei que rege o desenvolvimento, da infância à adolescência.

Henri Wallon nasceu em Paris, a 15 de junho de 1879, e faleceu em dezembro de 1962. Foi médico, psicólogo e educador. Sua biografia apresenta o perfil de um homem que buscou integrar a atividade científica à ação social. Presidiu a Escola-Nova durante anos e realizou pesquisas em uma tentativa

de integrar a área psicológica à neurológica, acrescentando o aspecto social e desenvolvendo uma verdadeira interdisciplinariedade no estudo do comportamento (Cruz & Pain, 1983, Galvão, 1995).

Suas pesquisas e observações de centenas de crianças em situação escolar e em situação hospitalar, assim como de adultos feridos na guerra, levaram-no a formular o desenvolvimento em etapas, a saber: vida intra-uterina, nascimento (impulsivo-emocional), tônico-emocional, sensitivo-motor, fase projetiva, personalística; escolar ou categorial e puberdade e adolescência.

Conforme dito anteriormente, ocorre uma alternância dos campos funcionais no decorrer dos estágios entre a afetividade e a cognição. A primeira especialmente implicada na construção do sujeito predomina nos estágios impulsivo-emocional, tônico-emocional, personalística e na puberdade e adolescência. Já a cognição especialmente implicada na construção do mundo apresenta-se predominantemente nos estágios sensitivo-motor e escolar ou categorial.

Assim, nos estágios impulsivo-motor, tônico-emocional, personalístico, puberdade e adolescência, o recurso predominante na relação com o meio é o afetivo-emocional, e o vínculo estabelecido é com o outro. Nos estágios sensitivo-motor e escolar ou categorial o recurso predominante na relação com o meio é a cognição, e o vínculo preferencial é com o mundo (Brétas, 2000).

Ao longo do desenvolvimento, alternam-se as funções elaborativas de construção do Eu e do Mundo. Ora o desenvolvimento está dimensionando a subjetividade, o que indica uma orientação centrípeta deste, ora encontra-se dimensionando o mundo externo, físico, objetivo, o que indica uma orientação centrífuga do desenvolvimento.

A visão de tal processo, em Wallon, é dialética; não há soberania entre as dimensões da pessoa completa por ele concebida. Assim, compreendemos a alternância funcional como uma qualidade de investimento do sujeito e de suas elaborações, cujo sentido flui e reflui ora para o eu da pessoa (centrípeto), ora para o não-eu desta (centrífugo). A afetividade move-se a serviço da cognição e a cognição move-se a serviço da afetividade e ambos concorrem para a formação da pessoa. Brétas esclarece esse mecanismo construtivo:

*Ao fato de os recursos alternarem-se entre si durante o processo, dá-se o nome de alternância funcional. Essa alternância significa que as aquisições e construções de cada uma das etapas não se perdem, mas vão sendo incorporadas e vão se integrando, trazendo*

*inúmeras e novas possibilidades para as relações da criança com o outro e com o mundo físico dos objetos. As funções recentemente adquiridas têm supremacia sobre as mais antigas mas não as fazem desaparecer, apenas exercem controle sobre elas, integrando-as. Essa é a chamada integração funcional (2000, p. 39).*

Conforme observa Dantas (1983), na evolução do indivíduo, na visão de Wallon, constata-se a simultaneidade dos progressos intelectuais e mudanças operadas no domínio da personalidade. Além do mais, vale ressaltar que, para Wallon (1951), o meio mais importante para a formação da personalidade não é o meio físico, mas o meio social.

Sob tal perspectiva, compreendemos que a Educação Psicomotora deve visar, antes de tudo, às funções comunicativo-afetivo-sociais (motricidade de relação) dos movimentos de seus sujeitos, ou seja, privilegiar a interação educador-educando e educando-educando em nível psicomotor, através de gestos, atitudes e posturas que instauram um verdadeiro diálogo corporal apreendido nas formas sensorio-motoras e intuitivo-emocionais.

*A primeira função do movimento apontada por Wallon em sua psicogenética no estágio tônico-emocional é a de promotora do vínculo social. O autor vê na agitação e choro do bebê um recurso que mobiliza o adulto emocionalmente a fim de que as necessidades da criança sejam seguramente atendidas. Esse é um mecanismo bem primitivo do neonato, que, dada a imperícia inicial de sua motricidade, apela ao outro para garantir o elo e os cuidados necessários à sua sobrevivência. É no contato mãe-bebê que se instala o diálogo tônico-corporal. Brétas (2000, p. 37) esclarece o sentido deste; diálogo, visto que a criança se comunica, tônico, porque é uma comunicação estabelecida a partir do tônus muscular, e não verbal e emocional, dada a emoção como base estruturante.*

Também em Brétas (2000, p. 36) podemos conferir, através das palavras de Wallon, o caráter afetivo dos primeiros gestos do bebê:

*Os primeiros gestos que lhe são úteis são, deste modo, gestos de expressão, não sendo ainda os seus atos susceptíveis de lhe oferecer diretamente alguma das coisas indispensáveis. Aliás, isso é um modo de expressão que permanece completamente afetivo, mas cujas variações podem, finalmente, responder a toda a gama de emoções e, por seu intermédio, a situações variadas das quais a criança toma assim uma consciência talvez confusa e global, mas veemente (Wallon, 1975, p. 77).*

Essa função do movimento, afetiva, que garante o elo, o vínculo social, ocorre também em idade posterior, por exemplo, quando a criança imita os

*Os primeiros gestos que lhe são úteis são, deste modo, gestos de expressão, não sendo ainda os seus atos susceptíveis de lhe oferecer diretamente alguma das coisas indispensáveis. Aliás, isso é um modo de expressão que permanece completamente afetivo, mas cujas variações podem, finalmente, responder a toda a gama de emoções e, por seu intermédio, a situações variadas das quais a criança toma assim uma consciência talvez confusa e global, mas veemente*

Wallon

gestos de outras crianças. A atitude imitativa assegura o elo com os iguais, facilitando a identificação com parceiros. Essa atitude, inicialmente intuitiva, apenas segue o fluxo rítmico dos movimentos do outro, que logo transbordarão, porém, para níveis de cognição mais elevados, ampliando sua aprendizagem. A imitação, a princípio vinculante-afetiva, propicia a passagem ao cognitivo. Ela é um instrumento de aprendizagem social. Fonseca (1987) entende a imitação, conjunto de gesto e símbolo, como um ato pelo qual a criança se integra ativamente aos modelos sociais. A função vinculante da psicomotricidade, ou como a denominamos, *motricidade de relação*, é prioritária no trabalho de Educação Psicomotora; irá facilitar a inserção da criança no mundo, tanto nos níveis afetivos como cognitivos. *Em primeiro plano, desperta-se a confiança de que suas necessidades serão atendidas, de que é compreendido e, no segundo, o sentido da pertinência, filiação, desafios ditados pelo outro que irão aguçar e apelar para o desenvolvimento cognitivo, para a inteligência.*

Desdobramentos especialmente importantes em Psicomotricidade da função vinculante da motricidade dos sujeitos, que integra a diferenciação eu-outro, favorecendo a construção da pessoa, de sua identidade em níveis mais básicos referem-se à organização corporal, são a imagem e o esquema corporal. No momento, porém, nos restringiremos apenas a registrá-los, deixando a sua discussão para outra oportunidade, dada a complexidade e a atenção que esse tema merece.

Uma vez “garantidos” os vínculos sociais e afetivos com o educador e com os parceiros, convém deslocar o eixo da Educação Psicomotora para o mundo dos objetos, para o qual o movimento, tornado ação do sujeito, será catalisado. Este irá favorecer a descoberta e exploração do ambiente físico, definindo, assim, uma motricidade de realização, isto é, de ação sobre o real. Torna-se, desta feita, possível, a contínua adaptação da criança ao meio cultural produzido pelo homem ao longo de sua história; o exercício de sua inteligência se volta para o crescente domínio da cultura, por cultura em toda a sua extensão.

É no período sensitivo-motor (1-2 anos) que Wallon (1941) identifica a orientação predominante da criança, do seu agir voltado para o mundo objetivo, que diz mais respeito ao mundo físico que ao meio social. Wallon reconhece, nesse período, a ocasião em que se integram os diferentes campos sensoriais, de extrema importância na tomada de consciência pela criança da noção do próprio corpo, assim como da percepção do mundo exterior. Conforme destaca Dantas (1992), são os movimentos voluntários ou práticos, cujo controle ocorre em nível cortical pelo sistema piramidal, possibilitando

a integração dos mecanismos de marcha, preensão e capacidade de investigação ocular sistemática, que caracterizam o período sensório-motor de exploração do ambiente.

Nesse momento, figura de maneira preponderante a dialética homem e *versus* mundo; indivíduo e *versus* cultura. Wallon (1959, p. 150) é categórico a esse respeito:



*não há reação motora ou intelectual que não implique um objeto fabricado pelas técnicas industriais, pelos costumes, pelos hábitos mentais do meio. A atividade da criança só pode efetuar-se a propósito e por intermédio de instrumentos que lhe forneçam tanto o aparato material quanto a linguagem em uso ao seu redor.*

Cabe ao educador envolver os educandos no meio físico-cultural, desafiá-los para que este seja explorado, descoberto, observado, pesquisado e transformado. É o momento de aguçar os sentidos dos educandos, de mobilizá-los (fazê-los moverem-se), de estimular a curiosidade e incentivar a criatividade.

O empreendimento da Educação Psicomotora é alternar sucessivamente a construção do sujeito da afetividade na relação com outros sujeitos (a base do acesso ao mundo simbólico) com a construção da realidade pelo sujeito epistêmico na relação com o real (universo físico, simbólico, conceitual), construções essas sempre mediadas pelo outro e pela linguagem.

O desenvolvimento da *motricidade de relação* e a da *realização* pertencem ao universo da Educação Psicomotora, conforme nos sugeriu a leitura da psicogenética de H. Wallon. Trata-se de um trabalho que envolve o sujeito, os outros (entre os quais a figura do educador destaca-se como mediador) e os objetos (produções histórico-culturais), que podemos esquematizar como se segue :

*não há reação motora ou intelectual que não implique um objeto fabricado pelas técnicas industriais, pelos costumes, pelos hábitos mentais do meio. A atividade da criança só pode efetuar-se a propósito e por intermédio de instrumentos que lhe forneçam tanto o aparato material quanto a linguagem em uso ao seu redor.*

Wallon

## O Universo da Educação Psicomotora (base T. Wallon)

**Figura 1.** Motricidade de Relação, cujo predomínio da ação (psicomotricidade) é de caráter afetivo, voltado à construção do Eu.



**Figura 2.** Motricidade de Realização, cujo predomínio da ação (psicomotricidade) do sujeito é de caráter cognitivo, voltado à construção do Mundo.



Aí situada, a Educação Psicomotora é um processo educativo que, por meio do corpo e do movimento do sujeito, tomados como ação psicomotora deste, dirige-se ao Outro, às relações sócio-afetivas, priorizando-as por meio da instauração do diálogo tônico-corporal, do olhar, gestos e posturas, mímicas e imitações entre outros instrumentos próprios da psicomotricidade (figura 1). Uma possível ilustração

de jogo que envolve esses elementos e é integrador do ponto de vista do sujeito em seu grupo são as brincadeiras de roda.

A Educação Psicomotora dirige-se igualmente à cultura, ao seu universo físico e conceitual, às relações com o meio em que a cognição emerge primordialmente, de modo que o sujeito possa, ele

próprio, descobrir o mundo e produzir no mundo por meio de manipulação, contato, exploração, construção e desconstrução dos objetos (figura 2). Uma possível ilustração desse gênero de atividade que envolve esses elementos são os jogos de construção, tipo pequeno engenheiro, que apresentam tijolinhos para a criança construir castelos, casas, muros e o que mais a sua imaginação lhe permitir.

Embora possamos falar e identificar momentos de motricidade de relação “pura”, como é o caso da relação mãe-bebê, ou de enamorados, e, embora possamos falar e identificar momentos de motricidade de realização pura, como quando utilizamos corretamente um talher para nos alimentar, em geral encontramos um misto destas. Assim, podemos formular que há um diálogo possível entre motricidade de relação e de realização, do mesmo modo que ocorre interação entre afetividade e inteligência ou cognição.

Finalizando, em síntese, podemos dizer que a Educação Psicomotora com base na teoria walloniana é um processo que acompanha e promove o desenvolvimento da criança e dos jovens em suas vicissitudes, centralizada em sua atividade e distribuída em campos funcionais, a saber: a motricidade, a cognição e a afetividade. À Educação Psicomotora cabe prover os recursos sociais, afetivos, lingüísticos, culturais, físicos, espaciais, materiais e pedagógicos que permitam ao sujeito estabelecer uma interação rica com seu meio, mobilizando neste elementos para seu desenvolvimento a partir dos recursos que ela própria dispõe em determinado momento e respeitando suas necessidades e tendências, que podem estar orientadas mais para si (centrípetas) e/ou mais para o mundo (centrífugas). Podemos, mesmo, falar em uma primazia da motricidade de relação sobre a motricidade de realização, destacando-se que, no desenrolar da Educação Psicomotora, esta deve atender ao princípio da alternância funcional do desenvolvimento, conforme concebido por H. Wallon.

**Elda Maria Rodrigues de Carvalho**

Av. Barão de Studart, 2095 apto. 902. Joaquim  
Távora. 60120-002 Fortaleza – Ceará.  
Tel.: 85. 91183771  
E-mail: eldarodri@hotmail.com

Recebido 01/11/01 Aprovado 14/05/03

ALVES, R. *Histórias de Quem Costa de Ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1995.

BRÉTAS, A. *A Psicogenética Walloniana: alguns Aspectos*. In C. Ferreira (Org.) *Psicomotricidade: da Educação Infantil à Gerontologia*. Rio de Janeiro: Lovise, 2000, pp. 33-40.

CABRAL, S., LANZA, A., TEJERA, M. *Educar Vivendo: o Corpo e o Grupo na Escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CARVALHO, E. M. R. *Contribuições da Teoria Walloniana à Educação Psicomotora*. Monografia de especialização em Psicomotricidade – UNIFOR, 1996.

CRUZ, A. & PAIM, S. *Wallon: o Tônus Muscular e o Desenvolvimento Psicológico da Criança*. *Revista do Corpo e da Linguagem*. Rio de Janeiro: Icobé, 1983, pp. 117-122.

DANTAS, H. *Do Ato Motor ao Ato Mental: a Gênese da Inteligência Segundo Wallon*. In Y. La Taille (Coord.). *Piaget, Vigotsky e Wallon*. São Paulo: Summus, 1992, pp. 35-43.

DANTAS, P. *Para Conhecer Wallon: uma Psicologia Dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FONSECA, V., MENDES, N. *Escola, Escola. Quem És Tu?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LAPIERRE, A. *Educacion Psicomotriz, en la Escuela Maternal: una Experiencia con los Pequeños*. Barcelona: Científico-Médica, 1977.

LE BOULCH, J. *Educação Psicomotora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NASCIMENTO, L., MACHADO, M. T. *Psicomotricidade e Aprendizagem*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1986.

VAYER, P. *El Niño Frente al Mundo*. In *La Edad de los Aprendizaje Escolares*. Barcelona: Científico-Médica, 1977.

WALLON, H. *L'Enfant Turbulent*. Paris: Press Universitaires de France, 1984 (originalmente publicado em 1925).

\_\_\_\_\_. *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995 (originalmente publicado em 1934)

\_\_\_\_\_. *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Persona, ed. 70 (s/d), 1968 (originalmente publicado em 1941).

\_\_\_\_\_. *Evolução Dialética da Personalidade*. In H. Wallon. *Objetivos e Métodos da Psicologia*. Lisboa: Estampa, 1975 (originalmente publicado em 1951).

\_\_\_\_\_. *Psychologie et Education de l'Enfant*. In F. Fernandes (Coord.) *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 1986 (originalmente publicado em 1959).

## Referências